

# JOSÉ RÉGIO VISTO POR ELE PRÓPRIO

---

*José Régio as seen by himself*

Eduardo Javier Alonso Romo\*

## Introdução

Ao estudarem a obra de José Régio, geralmente os críticos e historiadores da literatura portuguesa têm olhado de preferência às primeiras obras do escritor vila-condense - sobretudo as publicadas até ao ano 40 - deixando à margem o seu trabalho posterior; pois o escritor, que se dera a conhecer em 1925 com *Poemas de Deus e do diabo* e que, em 1927, fundara a revista *Presença*, continuaria a sua produção literária até às vésperas da sua morte, ocorrida a 22 de Dezembro de 1969. Desta incompreensão por parte dos críticos perante a sua obra posterior queixa-se frequentemente Régio nas páginas confessionais que vamos analisar. O escritor, porém, parece confiar mais no juízo do futuro. Muito provavelmente a razão esteja no fato de o jovem Régio ser mais criativo e original, de modo que depois, em boa medida, repete idéias e intuições anteriores.

No entanto, pensamos que vale a pena conhecer a obra regiana na sua íntegra e concretamente o trabalho póstumo que vamos analisar: a *Confissão dum homem religioso*.<sup>1</sup> Julgamos que este corajoso livro pode aportar alguma luz sobre a personalidade de Régio e, em geral, sobre toda a sua produção literária e possível evolução. Propomo-nos justificar esta afirmação, analisando a *Confissão* desde vários pontos de vista complementares, mas sempre procurando aprofundar na problemática antropológica e religiosa subjacente.<sup>2</sup> Para este propósito, apoiar-nos-emos em outra

\* Universidade de Salamanca.

1 RÉGIO, J. *Confissão dum homem religioso*. Porto: Brasília Ed., 1971. 245 p. Citamos esta obra pela 2. ed. (1983), indicando simplesmente a sigla C, seguida do número da página.

2 Também seria digno de interesse considerar a crítica literária que Régio insere na *Confissão*, tanto referida à sua própria obra quanto a outros autores, e mesmo alguns aspectos da sua linguagem.

obra regiana com a qual a *Confissão* tem muitas semelhanças, as *Páginas do diário íntimo*, também publicada postumamente, ainda que não na íntegra, e que abrange o longo período entre Fevereiro de 1923 e Maio de 1966, isto é, quase todo o percurso criativo do escritor.<sup>3</sup> As duas obras geralmente não têm sido recolhidas, ainda, nas histórias da literatura portuguesa.

Ambos os casos, redigidos desde a primeira pessoa do singular, aparecem como textos nos quais o objeto é o próprio sujeito, o eu a escrever sobre ele próprio. Estamos assim a conhecer simultaneamente o autor-sujeito e o objeto-obra. Poderíamos dizer que a diferença fundamental está em que a *Confissão* tende a estabelecer um diálogo com o leitor, enquanto que o *Diário*, em princípio, seria um monólogo, apesar de incluir freqüentes trechos de cartas.

## A longa confissão regiana

Tem razão Eugénio Lisboa quando afirma que toda a obra regiana constitui uma longa - quase interminável - confissão.<sup>4</sup> A *Confissão dum homem religioso*, cujo título se insere na longa tradição de escritos autobiográficos que seguem o paradigma de Agostinho de Hipona e de Rousseau, tem uma relação especial com a literatura autobiográfica que se escreve em torno à *Presença*. Deste modo, e para além das diferenças, a *Confissão* e o *Diário* de Régio podem relacionar-se com obras como o *Diário* de Torga.<sup>5</sup> Régio reconhece: “Capitalmente nos meus livros de adolescência e mocidade - se tornaram evidentes e relevantes o subjetivismo, o egocentrismo e o confessionalismo” (C, 205), mas também recorda: “fui eu o primeiro a denunciar e flagelar esse mesmo subjetivismo” (C, 217). Por isso neste livro tardio, trata-se simplesmente de pôr em discurso direto aquilo que, ao analista atento da sua obra, era patente através de uma vasta produção, pois se algo define a obra de José Régio é a autenticidade existencial, com uma impressionante fidelidade a si próprio.

3 A 1ª edição das *Páginas do diário íntimo* foi publicada em 1994 pelo Círculo de Leitores. Servimo-nos da 2ª, editada dentro da *Obra completa*, com introdução de Eugénio Lisboa e notas de José Alberto Reis Pereira: Lisboa: IN-CM, 2000. Citamos com a sigla *D*, seguida da página.

4 LISBOA, E. *José Régio: a obra e o homem*. Lisboa: Arcádia, 1976, p. 185-200.

5 ROCHA, C. *Máscaras de Narciso. Estudos sobre a literatura biográfica em Portugal*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1992.

Este livro teve uma lenta gestação, pois a idéia de escrevê-lo viveu com o autor durante várias décadas. Segundo declara Orlando Taipa, amigo de Régio, na sua introdução, já nos finais dos anos 40 José Régio começou a pensar nesta obra. No entanto, quando vinte anos depois morreu o autor, o volume ainda ficaria incompleto. O motivo foi o repetido adiamento, de maneira que só no último ano da sua vida Régio entregou-se deveras à sua escrita.

De facto, o *Diário* permite-nos assistir à demorada génese da *Confissão*. Assim, no depoimento datado a 5 de Maio de 1953, assinala, entre as “Obras que sonho realizar”, a “*Confissão dum homem religioso* (autobiografia duma consciência - autobiografia religiosa e moral; debate das minhas idéias, e sua evolução, sobre os problemas dessa ordem, como de quaisquer problemas com esses implicados; narrativa, descrição, análise, discussão, levados tão longe quanto mo permita a minha coragem ou a minha lucidez)” (D, 247-248). Dois meses depois escreve: “Comecei hoje a escrever a *Confissão dum homem religioso*. Chegarei ao fim?” (D, 254). Porém, passam vários anos e a 16 de Outubro de 1960 volta a dizer: “Finalmente, comecei a *Confissão dum homem religioso*. Terei a coragem de escrever este livro como o sonhei? Seria uma obra notável. Por enquanto, ainda estou na evocação do ambiente religioso - ou devoto - em que me criei; das figuras cuja fé se me propagou (?) nos primeiros anos. Ainda é relativamente fácil” (D, 352). E no dia 14 de Março de 1963 ainda confessa: “Há, seguramente, uns trinta anos que me proponho escrever um livro em que tentaria sondar eu próprio a minha posição religiosa. E sou capaz de morrer sem ter chegado a escrevê-lo!” (D, 358). Isso explica que, na própria *Confissão* mencione “o medo de não chegar a terminar esta obra, para mim de importância capital” (C, 145), “um livro, que naturalmente desejo venha a ser lido” (C, 140).

A razão dessa demora parece estar na explicável dificuldade que o homem-escriptor sente no momento de se confessar nestas páginas cheias de verdade existencial e de reconhecimento da própria miséria, o qual supõe uma humildade autêntica e custosa. Mas Régio quis deixar escrita a sua confissão, “um longo e obstinado exame introspectivo” (C, 225), na qual se exprime em discurso direito, sem subterfúgios e sem as mediações das obras propriamente literárias. Por isso encontramos o tom de quem tenta despir-se de todo artifício, para só deixar ver o homem nu: perante Deus, os outros e ele próprio. “Literatura viva” e não “livresca” é portanto a que podemos ler neste testamento espiritual e literário. É importante salientar que, com alguma frequência, encontramos ao longo do livro alusões explícitas ao próprio ato de escrever, nas quais o autor alude à sua sinceridade, do tipo de: “Hesito em deixar aqui registrado este pequeno testemunho; mas sei que o devo registrar” (C, 138). De igual modo, reclama a sinceridade da poesia, sobretudo

no capítulo VII sobre as relações entre religião e arte.<sup>6</sup> Notemos que essa meta-escrita é ainda mais frequente no *Diário*.

A *Confissão* estrutura-se em nove capítulos,<sup>7</sup> ainda que no fundo há só duas partes: uma basicamente de narração da sua “autobiografia espiritual” (os dois primeiros capítulos) e outra mais de especulação abstrata (os sete seguintes). O próprio autor, um pouco antes de acabar o segundo capítulo, explicita: “Aqui dou por encerrada a parte mais anedoticamente autobiográfica duma consciência religiosa” (C, 74).

No primeiro capítulo o autor recreia-se nas recordações da sua infância e primeira adolescência em Vila do Conde, tempo e espaço que às vezes parecem ser vistos como uma espécie de paraíso perdido. O tom dominante é de uma profunda saudade, tingida de religiosidade, sem que seja possível deslindar o sentimento meramente “humano” da emoção “mística”. Todo o capítulo, o mais extenso do livro, está construído a partir de anedotas que, através de detalhes aparentemente insignificantes, reciam com viveza aquele ambiente.

O autor foi educado num meio tradicionalmente cristão, de uma religiosidade sólida, mas muito misturada de superstição e de moralismo. A partir de aí viverá dividido entre as suas raízes cristãs e o racionalismo do ambiente.<sup>8</sup> Essas lembranças aparecem também espalhadas com alguma freqüência nas páginas do *Diário*.<sup>9</sup> Aliás, o próprio Régio relaciona essas recordações com a sua obra de ficção: “Quem leu *Uma gota de sangue* (e embora eu tenha sempre de repetir que o Lélito não é um auto-retrato nem *A velha casa* uma autobiografia) já vários dados tem a tal respeito” (C, 67).<sup>10</sup>

O escritor observa: “O gosto da análise marca toda a minha literatura” (C, 175), isso faz que abundem os parênteses e as matizações e aclarações de todo tipo.

6 É interessante a recorrência com que indica a necessidade de “dizer algo como garantia de autenticidade” (C, 229). Neste sentido apostará por uma arte impura, bastante longe da “arte pela arte” que o estereótipo lhe atribui: “Para a imensa maioria, porém, tanto mais empolgante e viva, tanto mais interessante no justo sentido do qualificativo será a obra de arte - quanto mais impura” (C, 198). Aliás Régio sabe que “a arte de um homem-artista religioso não pode deixar de ser religiosa” (C, 195).

7 Os títulos dos capítulos são respectivamente: I- O meio familiar, II- A ausência da fé, III- O mistério de Jesus, IV- O labirinto, V- Os graus de Deus, VI- O convívio humano, VII- A religião e a arte, VIII- Os graus do eu, e IX- A vocação mística. O projeto de Régio incluía ademais um capítulo décimo que levaria o título de “A religião para sempre”, mas do qual, infelizmente, nada chegou a escrever.

8 LOURENÇO, E. faz um repasso do ambiente que coincide com o período de formação de Régio em “As confissões incompletas ou a religião de Régio”. *Colóquio/Letras*, Lisboa, v. 11, p. 20-27, 1973.

9 Vide, por exemplo, *D*, 243-245.

10 *A velha casa. I- Uma gota de sangue*. 4. ed. Porto, Brasília Ed., 1981.

Deste modo Régio, auto-analisando-se desde a infância, observando o seu meio e inquirindo as influências exercidas sobre ele, procura detectar a essência e as motivações da sua própria religiosidade, convencido de que ela constituía o fundo mais fundo de si mesmo.

Entre as suas leituras de adolescência recorda os poetas portugueses António Nobre e Cesário Verde: “Eu lia e relia na cama os versos de António Nobre, que chegavam a provocar-me o desejo de estar doente como ele”; depois Cesário Verde, “único poeta que pude ler sem desgosto enquanto ainda permanecia sob a quase exclusiva fascinação do outro” (C, 53). Posteriormente, ao tratar da sua problemática religiosa, refere-se a “Antero (a quem, por vezes, recorria como a um companheiro de des-graça” (C, 109), o buscador do absoluto com quem Régio tem tantas semelhanças e cujos *Sonetos* constituem a sua própria “confissão”.

Régio anota outras influências recebidas, a começar pelo ensaísta António Sérgio: “O seu racionalismo ou idealismo impunha-se-me. A sua *clareza* seduzia-me” (C, 65). Ainda que nunca foi discípulo de Leonardo Coimbra, julga que *A Alegria, a dor e a graça* é um “belo livro injustamente mal conhecido” (C, 68)<sup>11</sup>. E a continuar por livros tão diversos como a *Vida de Jesus* de Rénan, os Evangelhos, o Antigo Testamento, ou a *Imitação de Cristo*, que é citada várias vezes<sup>12</sup>. Refere-se também a autores como Dostoiévski, Tolstói, Proust, Ibsen, e sobretudo Freud - “quando vim a conhecer Freud - foi para mim uma revelação: Pareceu-me que eu pre-sentira Freud” (C, 185).

## Pessimismo e dualismo antropológicos

Já em 1957 Manuel Antunes salientava o dualismo como “constitutivo fundamental, a vida e o alento, o clima ambiente da poesia e da obra do autor de *As encruzilhadas*”,<sup>13</sup> explicando que se trata de um dualismo de sabor claramente gnóstico e maniqueu, um dualismo religioso e metafísico de desencarnação, de

11 Sobre Leonardo Coimbra e a sua oposição a António Sérgio - especialmente por parte dos discípulos de Leonardo - veja-se também *D*, 35 e 55-57.

12 Régio refere-se à *Imitação de Cristo* como “livro verdadeiramente admirável, refúgio incomparável de todas as naturezas religiosas, que não hesito em considerar a maior obra mística por mim conhecida”. (C, 65)

13 ANTUNES, M. Três poetas do sagrado: Pascoaes, Pessoa, Régio. *Brotéria*, Lisboa, v. 65, p. 56, 1957.

ausência do sentido da história, de ausência de dialética profunda, cujas raízes via na mitologia pagã, numa compreensão parcial do mistério cristão e no racionalismo moderno<sup>14</sup>.

O próprio Régio confessa que ainda jovem estudante as suas observações antes lhe “inclinavam ao pessimismo sobre a natureza humana e a vida” (C, 72). Aliás, pensa que “o processar de uma carreira literária não adoça o caráter de quem já nasceu com tendências pessimistas!” (C, 155). E ademais sente que “a minha complexidade psicológica ou fisiopsicológica [...] me tornava difícil o convívio com os homens. (Difícilimo, se de verdadeiro convívio se trata)” (C, 163). Vamos ver este dualismo pessimista através de três temas humanos fundamentais: a liberdade, o amor e a morte.

Em primeiro lugar está a questão - filosófica e teológica - da liberdade do homem, perante a qual Régio parece situar-se num fatalismo no qual a liberdade é só uma ilusão - e lembremos que *Fado* é o título dum livro seu de 1941. Na *Confissão* encontramos esta declaração: “A grande dificuldade, porém, estava em crer na liberdade [...], me inclinava eu a crer no determinismo e até num determinismo radical, total, absoluto” (C, 115).

O principal obstáculo para o livre alvedrio proviria da natureza fortemente instintiva do homem. Régio sente a dificuldade “de compreender que Deus pudesse exigir à nossa dupla natureza animal e espiritual uma coerência que se me afigurava demasiado difícil” (C, 116). Em outro momento diz: “Deus sabe como sou fraco! Impotente, quase, perante forças instintivas que não escolhi” (C, 134). E, no entanto, o escritor surpreende-nos com estas palavras que refletem a sua dramática cisão interior: “Ser santo era a minha secreta e mais poderosa aspiração. Mas eu não conseguia ser santo, nunca o conseguiria! Era uma vocação sem dom” (C, 116)<sup>15</sup>. Eis a expressão dramática do desajuste entre o que é e o que quer ser, sem conseguir a harmonia.

Para Régio os limites da vida constituem um óbice para a sua ascensão até Deus. Assim, revela-se porta-voz da inquietude, pois para ele se a alma foi feita para Deus, o corpo foi feito para o Diabo; só resta ao homem tentar reconciliar os opostos: “A minha natureza humana é ora bestial ora perversa. Mas nasci com um profundo instinto de todas as modalidades da Beleza. Talvez fosse o mesmo dizer que Deus me concedeu, desde sempre, um raio da sua graça, - e eu não posso ignorá-lo. De aí vem tudo quanto de elevado haja no que eu sinto, pense, diga ou faça” (D, 74-75).

<sup>14</sup> Ibid., p. 59-60.

<sup>15</sup> Da infância vem-lhe o interesse pelos santos, que se patenteia, por exemplo, em “O Polo Sumo” de *Filho do homem*.

O problema da origem do mal lhe “tem obsidiado toda a vida” (C, 117). Régio é um homem que se faz perguntas: “De onde, de quem, veio a serpente? De onde a possibilidade do pecado de Adão e Eva?” (D, 360). Armindo Trevisan escreve que “Régio não se cansará de acentuar o que existe de «mau», de «corrupto», de «impuro», na natureza humana [...] atribui, a uma realidade mais poderosa do que a sua vontade, a inclinação para o mal”.<sup>16</sup> Uma concepção, tão unilateralmente atenta aos aspectos negativos da vida conduz a uma visão pessimista do Cristianismo e do homem em geral. Régio vê um conflito irremediável entre a alma e o corpo, que o leva a um confronto dele consigo: “Natureza sensual, por um lado era atraído à satisfação da mera sensualidade [...]. Mas natureza espiritual, por outro lado reagia contra esse poder do sensitivo, que me escravizava” (C, 161). Noutro lugar falará de “conflito entre uma poderosa natureza terrena e uma vocação mística” (C, 188). Nesta contradição há uma dialética sem esperança de solução, ainda que reconheça em si uma razão e uma vontade que prevalecem, “tendendo sempre a recompor o meu *eu* ameaçado pela dissolução” (C, 149).

Esta visão negativa da relação corpo-alma reflete-se nas relações humanas e, de maneira peculiar, na relação homem-mulher. O amor é visto como um equívoco, uma promessa que não pode ser cumprida, e portanto uma alienação. O escritor salienta a “fealdade” e o “decepcionante” do ato sexual (C, 161-162). Amar, e sobretudo continuar a amar, “é empresa extremamente difícil para a pobre natureza humana” (C, 162). Por outra parte, “quão difícil, porém, realizar ativamente esse amor tão glorificado, tão prostituído, tão esquivo, tão reafirmado e negado!” (C, 162). Daí o pessimismo radical.

A outra grande questão antropológica que aparece nas páginas íntimas do escritor é a morte. Não é para Régio, porém, um tema obsessivo, como para Unamuno, Nemésio, ou mesmo Torga. Talvez porque, como assinala Óscar Lopes, “em Régio o problema ou ânsia de alcançar *o melhor de mim* [...] prima absolutamente sobre o da minha sempiternidade individual”.<sup>17</sup> Régio é o homem da “procura do perdurável e eterno” (C, 227), que escreve “À mesma Razão aparecia como inadmissível a ressurreição da carne [...]. Sobrevivência da consciência, eis tudo que pedia” (C, 115).

16 TREVISSAN, A. Valores cristãos na poesia de José Régio. *Brotéria*, Lisboa, v. 90, p. 746-747, 1970.

17 LOPES, Ó. *Entre Fialho e Nemésio*. Lisboa: IN-CM, 1987, II, p. 676. No entanto, o pensamento da morte pôde aumentar com os anos; assim numa carta de 1960 afirmava que nele o sentimento da morte se tornara obsessivo: citado por Eugénio Lisboa, op. cit., p. 142.

Recordando a depressão sofrida numa doença quando estudante, na que chegou a ter tentações de suicídio, afirma: “Mas queria viver, curar-me! Sempre fui muito agarrado à vida” (C, 70).<sup>18</sup> Depois de superar uma doença, escreve no *Diário*: “Eu nunca tivera o pavor da Morte; nunca vira a Morte de frente e perto; nem desejara tanto viver [...] Apesar de (mas como tornar isto compreensível?!) crer *em certo fundo de mim próprio* na imortalidade, e recorrer muitas vezes aos meus Mortos, e rezar a Deus, - a morte aparecia-me como um abismar-me na escuridão, no silêncio, no nada... E não podia, não posso, suportar a idéia do desaparecer do meu *eu consciente*, da consciência de mim [...] Não há como a doença para nos prender à vida, quando nos não prostra de todo” (D, 278-279).

Temos de dizer, todavia, que nas páginas íntimas que estamos a analisar, Régio fala mais da morte dos outros que da própria morte. Assim, no *Diário* aparece com especial insistência o tema da morte da sua mãe. Meio ano depois de ocorrer, escreve: “Ainda não posso perdoar a Deus estas coisas! [...] Depois da sua morte, ainda não tive, talvez, um verdadeiro momento de Graça. A minha religiosidade baixou. Continua a perseguir-me um profundo movimento de indignação e revolta” (D, 83). O autor reconhece: “Nunca pude aceitar a idéia de desaparecerem para sempre as pessoas queridas” (D, 75).<sup>19</sup>

E não só a morte, mas também o envelhecimento e a decrepidez. Deste modo, lamenta “verificar nos seres mais caros e em si mesmo esta marcha para a morte ou esta lenta diminuição da vida” (C, 159); também o fato de que ao morrer uma pessoa, os seus mortos desaparecem com ele: “O morto morrerá de vez. Os nossos mortos morrerão de vez” (C, 163).

Mas também encontramos expressões positivas sobre a morte: “O momento da morte coincide com a Revelação definitiva e a fusão com a Verdade” (C, 219). Por isso, “nesta dúvida entre a Morte e o Amor, o Nada e o Tudo, como na ambigüidade entre a significação de morte como fim sem sentido, «nada-nada», e a sua significação como radiosa abertura para o Tudo, o Amor, Deus, (o que tornaria quase sinônimos os dois termos de Morte e Amor) está toda a suprema ambigüidade de *Cântico Suspenso*: está, em suma, a grande *suspensão* do Cântico” (C, 224).

Evidentemente isto requer uma fé viva: “*Com Deus* [...] já eu podia viver muito mais contente e aceitar a velhice e a morte: amar a vida já não só animalmente pelos sentidos, e preparar-me tranqüilamente para a morte cuja idéia aterrava os meus instintos” (C, 239). Poderíamos dizer que Régio é um homem timidamente aberto à esperança?

18 A propósito desta doença comenta também: “Creio que, se não aniquila ou diminui, a experiência do sofrimento é fecunda para qualquer homem. Ainda mais para um escritor”. (C, 71)

19 Cf. D, 85, 94, 133 e 150.



Para terminar este apartado sobre o “desconcertante enigma que é o homem” (C, 120), digamos também que Régio distingue que “vários homens há em cada homem” (C, 204), do mesmo modo que diferencia “os três graus do eu”: o particular, o pessoal e o universal ou transcendente (C, 207). Isto é outra expressão da sua vivência cindida do ser pessoal e da sua mundivedência desintegrada.

## O mistério de Jesus

Se em 1865 Camilo Castelo Branco publicava o livro *Divindade de Jesus* afirmando a sua fé<sup>20</sup>, um século depois Régio testemunha a sua descrença em Cristo como Filho de Deus. Deste modo, a “cristologia” regiana terá um carácter dramático e existencial<sup>21</sup>. Já em 1954 escrevera: “O meu Deus é «*Um só Deus verdadeiro*» sem as «*Três pessoas distintas*». Para mim, foi a partir da existência real do Homem Jesus-Cristo que se *fantasiou* (com fundamento nos Evangelhos, é certo) o mistério e o dogma da Santíssima Trindade [...]; fizeram *de Jesus um Trino*” (D, 266).

Já na primeira juventude Régio deixa de acreditar na divindade de Cristo, depois de ter deixado de acatar a autoridade da Igreja-instituição. Provavelmente na rejeição de ambas as coisas houve uma importante dose de opção vital. O autor pergunta-se: “Quando perdi a fé, se é que a perdi? quando pus em dúvida verdades fundamentais da religião católica, ou até deixei de crer nelas? Impossível me será precisar datas. Aí pelos meus catorze, dezesseis, dezoito anos? Talvez até antes” (C, 61).<sup>22</sup> E assevera que “durante algum tempo [...] como me senti aliviado e livre, desembaraçado de práticas e obrigações” (C, 64). No entanto, como afirma Eugénio Lisboa, “a assim chamada «perda da fé» era, no fundo, apenas um «instalar-se» na incerteza, na dúvida, na crista da ondulação”.<sup>23</sup> O momento mais baixo da sua religiosidade deveu corresponder aos anos de Coimbra: “a minha religiosidade se manifestou mais superficialmente” (C, 74).

20 CRUZ, R. Camilo Castelo Branco e o livro *Divindade de Jesus* (1865). *Lusitania Sacra*, Lisboa, v. 1, p. 81-118, 1989. 2ª série.

21 Neste ponto a “cristologia” de Régio poderia aproximar-se da de Gomes Leal; cf. BELCHIOR, M. L. Problemática religiosa na poesia de Jorge de Sena. *Quaderni portoghesi*, Pisa, v. 13-14, p. 53 e 55, 1983.

22 RÉGIO, J. *Uma gota de sangue*, p. 100-104.

23 LISBOA, E. op. cit., p. 42.

Vários críticos já assinalaram a insistência com que Régio-poeta se compara a Cristo, ou até se identifica com ele, fascinado nomeadamente pelo mistério da dor.<sup>24</sup> Na *Confissão* não vemos identificação ou projeção, mas análise. O próprio Régio é quem intitula “O mistério de Jesus” o terceiro capítulo da sua confissão. Já antes tem afirmado: “Jesus me inspirava uma apaixonada e obsessiva admiração que se manteve até hoje; e uma curiosidade insaciável” (C, 79).

A Régio interessa-lhe “o Jesus vivo e humano da Galiléia e de Jerusalém” (C, 80). De fato, em 1923 Régio projetava escrever um romance: “sob a influência de Flaubert, concebera o projecto dum romance que se chamaria Maria de Magdala e Jesus de Nazaré” (C, 65; cfr. D, 28 e 38). Nunca o escreveu, porém; se o tivesse levado a efeito seria um interessante antecedente do “Pseudo-Evangelho” de Saramago!

Depois de escrever e repetir: “Não creio na divindade de Jesus!” (C, 82), a maior parte do capítulo dedicado a Jesus reproduz um ensaio que, com o título “Multiplicidade de Jesus”, Régio publicara com anterioridade<sup>25</sup>. O enunciado é significativo porque incide na diversidade de enfoques com que é possível olhar Jesus, donde necessariamente se seguirá uma diversidade de imagens, e de aí nasce a perplexidade: “Uma coisa me surpreende nos Evangelhos, ou surpreendeu quase desde logo que os li: a variedade, se não incoerência ou contradição, das atitudes de Jesus” (C, 86). Deste modo, conclui que “há vários Jesus no Jesus dos Evangelhos” (C, 87), ou também, “várias morais” (C, 88). Isso explicaria a surpreendente declaração de que “foi precisamente a freqüentação dos Evangelhos que mais influência teve quanto à minha descrença na divindade de Jesus” (C, 65).

Em primeiro lugar assinala o Jesus exigente das bem-aventuranças: “Imagem quase aterradora - tão desesperadora para a nossa fraqueza - a de certo Jesus que, por exemplo, se nos revela nalguns passos do celeberrimo Sermão da Montanha! [...] Como erguer-se a nossa debilidade à exigentíssima pureza dessa doutrina?” (C, 89). O escritor sabe que “as severidades do Mestre são inofismáveis” (C, 90). Por isso escreve: “Depois das bem-aventuranças, já aquela voz que parece apostada em desafiar toda a nossa fragilidade como que se exaspera no exigir, no pedir” (C, 91). Talvez a visão de Régio seja moralista demais, deixando pouco espaço para a entrega confiada na fé, no entanto comenta: “Só o grotesco e gigantesco ciúme de Nietzsche poderia querer ver neste Jesus um Deus dos escravos. Este é, pelo contrário, um Deus de heróis” (C, 93).

24 LOPES, O. op. cit., II, p. 659.

25 Dito texto é uma espécie de prefácio à antologia *Cristo tal como os pintores, escultores e poetas portugueses O viram, sentiram e entenderam*. Lisboa: Estúdios Cor, 1952.

Depois o escritor apresenta uma imagem de Jesus mais doce e próxima: “Não obstante, a face do suave Mestre e meigo Nazareno também nos Evangelhos resplandece” (C, 94). Esta imagem é mais amável e também mais poética: “Este seduz particularmente os líricos e as almas sensíveis; os que pecaram, ou pecam, mas têm a nostalgia da inocência; os que se reconhecem fracos, e pedem amparo; os que precisam de ser perdoados” (C, 98). Notemos que esta figura é a mais parecida ao Jesus retratado por Renan.

Um “terceiro Jesus” é o crítico que fala em parábolas e em paradoxos: “Um Jesus que se fecha com os seus mistérios [...] Enigmático, secreto, quase obscuro, quase como que cioso da sabedoria do Pai” (C, 99). Confessa o autor: “Creio ser este o Jesus que mais confunde as nossas razões limitadas” (C, 100).

Finalmente, a quarta imagem é o Jesus da Páscoa, que entra triunfal em Jerusalém e, poucos dias depois, morre na Cruz: “a hora de sofrer e morrer” (C, 104). Como Unamuno e tantos outros, sente-se impressionado pelas palavras de Jesus na Cruz: “«Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?» Esta é que fica sendo a mais angustiada e misteriosa palavra dos Evangelhos” (C, 105). É este o Cristo que aparece com mais frequência na sua obra poética. Ainda que da ressurreição fala pouco, como de passagem, Régio conclui o capítulo dedicado a Jesus com estas palavras: “Depois da sua vinda ao mundo, sempre na terra pode haver esperança do reino de Deus” (C, 105). Mais tarde escreve que “a ressurreição de Cristo pode ser o símbolo eterno da ressurreição do homem” (C, 222).

O autor sente que “Jesus era uma espécie de intermediário [...] com Jesus podia eu haver-me num pé de quase camaradagem ou fraternidade” (C, 79). Mas, de qualquer forma, “tendo deixado de crer - definitivamente - na divindade de Jesus, não era com Jesus que se tratava o prélio. Outro era o Senhor” (C, 79).

## A questão de Deus

“Cada um de nós tem o Deus que pode ter” (C, 140). No caso de Régio o religioso, sempre vivido desde a ambigüidade como vamos vendo, representa a chave fundamental para a sua explicação, como homem e como escritor. “Diga o que diga, / é só falar de Deus!”; com estas palavras do soneto “A coluna de fogo” de *Biografia* exprimia Régio, já em 1929, o conteúdo e o objeto principal da sua obra.

Antes aludimos à relativa perda da fé por parte de Régio durante a adolescência, situação equívoca na que ficará Régio toda a vida, “numa espécie de labirinto” (C, 107). Armindo Trevisan, escrevendo sobre a poesia regiana, observa

com penetração o evitar do combate final por parte do autor dos *Poemas de Deus e do Diabo*: “Não nos iludamos: o poeta prefere manter-se em tensão dialética; prefere aferrar-se às duas pontas da cadeia: a da Contradição. Nem ateísmo, nem teísmo. Ateísmo? Também não! O quê então? Contrariamente a Kierkegaard, o poeta elimina as alternativas. Ao invés de: «Aut, Aut», quer: «Et... Et»<sup>26</sup>.

Talvez o problema seja que o religioso, como para Torga, é visto “geralmente sob a forma de uma espécie de luta entre o homem e Deus (entre mim e Deus, particularizando)” (C, 78). Segundo a sua visão, a Divindade, para ser amada, requer a “desumanização” do homem, com o que voltamos ao dualismo desintegrador.

Alberto Sobreira é um dos críticos que comenta que a cultura teológica de Régio encontrava-se muito longe de igualar a sua intuição e o seu poder criador<sup>27</sup>. De qualquer maneira, o escritor distingue por uma parte o Deus antropomórfico da infância, de prêmios e castigos, e por outra, o Deus transcendente dos filósofos, mas fala pouco do Deus de Jesus. Régio antropomorfiza Deus, mas confessa: “Muito bem sabia que em grande parte era este Deus invenção minha” (C, 79). Por outra parte, o Deus dos filósofos, afirma, “não me prestava para nada”; para ele Deus tinha de ser “Uma personalidade, uma existência concreta, uma transcendência viva” (C, 111). Aliás, “o Problema da intervenção de Deus nos nossos pequeninos negócios terrenos foi sempre um meu problema” (D, 231).

O mesmo autor que se auto-define como “um místico muito imperfeito ou intervalar” (C, 128-129), atreve-se mesmo a falar da sua oração: “Rezei toda a vida. Continuo a rezar” (C, 133). Nomeadamente o padre-nosso (C, 133 e 170). Algumas vezes, até, a sua oração quase chega a vislumbrar a união com Deus: “atingia o Silêncio: a abstenção de qualquer manifestação sensível; o êxtase que todavia não chegava a sê-lo [...] Então *partia* para um superior grau de Deus, se é que posso chamar-lhe assim” (C, 137).

No capítulo “Os graus de Deus” aparece um Régio que no fundo é crente, mas que não consegue “racionalizar” a sua fé: “Creio não poder haver vida mística sem renúncia à Razão quando a Razão se denuncie impotente perante o que, não obstante, continua vivo, agente, profundo” (C, 210). Homem essencialmente religioso, Régio não pode prescindir de Deus. Não só quando fala da “obsessão de Deus” (C, 226), mas também quando, através de paradoxos, exprime o movimento dialético de afirmação-negação ou de presença-ausência: “Creia ou não creia, não posso viver sem Deus. Deus é a minha força, o meu refúgio, a minha companhia. E nada sei sobre Deus, - nem mesmo se existe! Ando agora tentando escrever o poema

26 TREVISSAN, A. op. cit., p. 733.

27 SOBREIRA, A. De e sobre José Régio. *Brotéria*, Lisboa, v. 94, p. 241, 1972.

«Ignoto Deo»” (*D*, 370), com o que retoma o título de um conhecido soneto de Antero. Em outro lugar escreve: “O meu desespero é relativamente sereno e alumiado pela esperança na caridade dum Deus desconhecido” (*D*, 54).

Há uma reflexão que o autor julgou importante, pois aparece repetida com as mesmas palavras na *Confissão* e no *Diário*: “O homem é a imperfeição de Deus. Criando o homem, Deus libertou-se da sua imperfeição [...] Na verdade só o Bem é. A Perfeição de Deus é que é absoluta. A luta entre o Bem e o Mal não passa duma aparência de que o homem é uma vítima demasiado real do lado dele, homem. Na *Realidade*, o triunfo do Bem está assegurado desde sempre” (C. 119 e *D*, 359). Vemos aqui um Régio que, no fundo, se revela otimista, para além da tensão dialéctica desta vida.

O autor vila-condense relativiza qualquer ortodoxia: “Pessoalmente, mesmo na questão religiosa me esquivo à ortodoxia e ao dogmatismo” (*D*, 358). Pois pensa que “Todas as doutrinas, todas as filosofias, todas as religiões não passam de fragmentos de compreensão” (*D*, 360)<sup>28</sup>. Deste modo, “Tudo, no homem, são crenças ou hipóteses [...] Nada podemos saber *absolutamente* senão o que Deus (o Absoluto) nos permita que saibamos. *A Revelação* é a única fonte de verdadeiro conhecimento. Claro que tal afirmação implica a hipótese ou a crença da existência de Deus” (*D*, 365). Mas sempre “sonhando com a Síntese Absoluta: com aquela Visão divina, perante a qual já não há contradições” (*D*, 365).

O escritor é muito consciente dos limites da linguagem: “Quando falo de Deus e de Bem e mal - os termos de bem e mal são uma linguagem humana. Como empregar outra o homem? Pode ser que nenhum sentido haja nesses termos para Lá da nossa linguagem própria” (*D*, 360).

Interessante é a seguinte declaração escrupulosa que afasta Régio de tantos outros escritores: “Nunca gostei de poder contribuir, com um mínimo que seja, para a perda da fé de quaisquer leitores sugestionáveis” (C, 82). Mas o mesmo tempo sente-se obrigado a declarar: “Já se sabe como, por um daqueles *escrúpulos* a que precisamente são atreitas as naturezas religiosas, tenho de lembrar sempre a insegurança da minha fé” (C, 170).

Por vezes Régio parece encontrar-se comodamente instalado na contingência: “Por longos períodos me acomodava eu perfeitamente com a minha quase indiferença, frieza ou secura perante as coisas divinas” (C, 109). “«Preciso de Deus!

28 Para Eduardo Lourenço, “É uma consciência protestante a de Régio, não uma consciência católica”: “Presença ou a Contra-revolução do Modernismo português”, em *Tempo e poesia*. Lisboa: Relógio d’Água, 1987, p. 157.

nasci para Deus!» gritava às vezes comigo «mas não alcanço a graça...» E ao mesmo tempo que me parecia inegável tal necessidade de Deus - não era esta tão premente que a ausência de Deus me não deixasse ir suportando a vida com relativa facilidade” (C, 109). Mas logo surge a vertigem do sentido ou sem-sentido: “Na verdade, tão espantoso me parecia que Deus existisse como que não existisse” (C., 110). E sempre vivendo envolvido no mistério das perguntas sem resposta: “Por que se dava Deus a uns e se recusava a outros?” (C, 121). O mesmo autor que escreve “Deus perseguia-me. Deus marcara-me, escolhera-me” (C, 131), é também o que fala de “Os meus dias de ateísmo, realismo, materialismo” (C, 137). Sabe, todavia, que “a aceitação da suprema validade da Razão também implica uma *crença*” (C, 141-142).

Por outra parte, para Régio, Deus é a suprema garantia dos valores absolutos, por isso é incapaz de compreender as éticas sem Deus: “Sempre, na verdade, me tem sido difícil compreender que, sem qualquer base religiosa, possam ser fundos e sinceros tais sentimentos humanitários, morais, sociais” (C, 146). Este é o motivo pelo que, afirma, “cheguei a quase me desinteressar das ideologias que se propõem melhorar o mundo, implantar nele a justiça” (C, 146). “Elevar, pois, o homem ao trono de Deus [...], - criar, em suma, a religião do homem - nunca poderá satisfazer os que tenham sede de Absoluto: necessidade de Deus” (C, 164). Pois “só um Absoluto há que é Deus” (C, 165). No fundo de estas, e de outras expressões semelhantes subjaz a polémica com o materialismo, e nomeadamente com o Neo-Realismo português<sup>29</sup>.

O autor repete a expressão “vocalização mística”, que define assim: “Místico é aquele que tem necessidade de um Deus que exista; com quem possa entrar em comunicação. Ou antes: místico é aquele que, não obstante todas e quaisquer suas dúvidas, tem a certeza ou experiência íntima de esse Deus” (C, 124)<sup>30</sup>. Mas Régio é sempre um “espiritual” que sente “o desgosto profundo da ausência de Espírito na vida moderna. Afinal, da ausência de Deus” (C, 231). Experimenta “sentimentos referidos a um *Ser de fora do mundo* [...] Essencialmente, um sentimento de Presença dele; de Companhia nossa; e de Dependência minha” (C, 226).

Julgamos ver a chave da sua posição perante Deus em uma antinomia em que o próprio Régio, na penúltima página da *Confissão*, resume a sua posição: “Com todos os vaivéns, flutuações, contradições, incoerências, ambigüidades, perplexidades em que me debatia, e que procurei descrever ou sugerir em capítulos anteriores, - eu não podia deixar de crer. E se igualmente não podia crer, muito me

29 GUIMARÃES, F. *A Poesia da presença e o aparecimento do neo-realismo*. Porto: Brasília Ed., 1981.

30 Cf. C, 145 e 212-213.

inclinava a crer que apesar de tudo cria da maneira que me era possível ser crente. O crer-não crendo - era portanto a minha posição ao mesmo tempo subterrânea e supraterrânea, obscura e sobrepairante” (C, 238). Assim, afirmando nele a “persistência da crença *apesar da descrença*”, conclui: “Esta expressão de crer-não-crendo me parecia a que mais rigorosamente exprimia o meu caso” (C, 238).

Aliás, antes destas palavras conclusivas, o escritor de Vila do Conde tem repetido várias vezes a mesma expressão paradoxal que revela a sua experiência interior: “Eu cria em Deus mesmo não crendo” (C, 125), e também noutros trechos da *Confissão*<sup>31</sup>. Mais ainda, as mesmas palavras encontramos-las por boca duma personagem dum conto de Régio, “Os paradoxos de Bem”: “Bem sabes que crês não crendo. [...] a tua obra é muito mais atrevida que tu! Toda ela afirma a possibilidade de crer não crendo”<sup>32</sup>. De igual forma, Régio escreve de Lèlito, personagem central de *A Velha Casa*, que experimentava “um singularíssimo fenômeno que mais tarde aceitaria como fazendo parte da sua excentricidade pessoal: o de simultaneamente crer e não crer”<sup>33</sup>.

A este respeito, falando da “ambigüidade escorregadia da sua fé”, comenta Eugénio Lisboa: “Esta busca de um Deus, ou de um estado de graça, assume freqüentemente o caráter de uma perseguição frenética em que não se sabe bem, no fim e ao cabo, nem quem é o perseguido, nem quem é o perseguidor”<sup>34</sup>. Em quanto a nós, pensamos que é aqui onde mais claramente entronca Régio com Unamuno no seu desejo da fé. Deste modo poderíamos pôr em relação ao Régio que crê não acreditar - devido talvez a ter uma idéia da fé intelectualista demais - com o D. Manuel unamuniano, pelo menos na interpretação que dá Ángela Carballino, a narradora<sup>35</sup>.

## Considerações finais

Devemos reconhecer que nos impressiona este testemunho de José Régio sobre si próprio: toda a sua vida foi um homem religioso. Para além do seu desarraigo existencial e da sua atitude básica de dúvida metódica, a que o incitava a sua formação

31 Vide igualmente C, 129, 142, 219 e 224.

32 Este conto está recolhido no livro *Há mais mundos*. 4. ed. Porto: Brasília Ed., 1973. p. 176.

33 *A Velha casa. IV - As Monstruosidades Vulgares*. 2. ed. Porto: Brasília Ed., 1972. p. 86.

34 LISBOA, Eugénio, op. cit., p. 198, p. 73.

35 Vide UNAMUNO, M. de. *San Manuel Bueno, mártir*. Ed. de Mario Valdés. 17. ed. Madrid: Cátedra, 1994, p. 146.

racionalista, o escritor de Vila do Conde foi sempre um insaciável buscador de Deus. Tendo experimentado, tão dolorosamente, a própria contingência, Régio sentirá, com igual intensidade, o apelo do absoluto. Como já dissemos, cremos que Régio crê, e estamos seguros de que quer crer. Deste modo representa o espírito contraditório em que se misturam esperança e desespero. Até a repetição do verbo *obsidiar* mostra um homem que se sente assediado pela transcendência.

Armindo Trevisan, a quem já citamos anteriormente, nota que “o poeta vai até onde é possível ir <intelectualmente>; não se entrega, nem à Fé, que é uma supra-intelectualidade, nem à descrença, que deceparia a cabeça à sua última possibilidade”. A razão principal, bem unamuniana, “pela qual Régio se abstém de aderir à sua Fé subliminal - ele parece não lograr harmonizar a «sístole» da sua cabeça com a «diástole» do seu coração”.<sup>36</sup> Apesar disso, concordamos com Eduardo Lourenço quando escreve que Régio, “parecendo jogar sempre em dois tabuleiros, ao mesmo tempo, na realidade jogou preferentemente no tabuleiro de Deus”.<sup>37</sup> Régio termina o livro reconhecendo que “Viver (interior e exteriormente) *como se* Deus existisse e eu cresse não só na sua existência mas também na sua comunicação com os homens - já me era pois relativamente fácil”. (C, 239)

Aliás, temos mostrado algumas semelhanças com Unamuno, mas em geral, talvez Régio não esteja tão longe dos escritores europeus que ao longo do século XX viveram um cristianismo trágico, cheio de conflitos, incertezas e profundas dúvidas: desde Mauriac a T. S. Eliot, passando por Bernanos, Graham Green ou Dámaso Alonso. Ou, dito com outras palavras, pertence à categoria dos autores “limiars”, que, segundo a classificação de Antonio Blanch, seriam aqueles que se referem tentativamente ao Absoluto, mas só desde o umbral da dúvida ou do pressentimento<sup>38</sup>. Visto de outra perspectiva, podemos dizer que Régio é um “homo

36 TREVISSAN, A. art. cit., p. 733-734.

37 LOURENÇO, E. “O desespero humanista de Miguel Torga e o das novas gerações”, em *Tempo e Poesia*. Lisboa: Relógio d’Água, 1987, p. 97. Noutro lugar do mesmo artigo, Lourenço comenta sobre Régio: “Há realmente drama na sua obra, e um drama que impõe respeito pela seriedade insofismável e funda de onde procede, e ao qual um não sei quê de humilde e orgulhoso, de revolta e arrependimento, de rico e pobre na forma e no conteúdo dão um ‘tom Régio’, na verdade singular. Nesse drama monológico de Régio-deus-sem-Deus com Deus-sem-Régio que é uma espécie de supra-Régio, há ao lado da angústia um autêntico desespero” (p. 83).

38 Utilizamos aqui a classificação que faz António Blanch de quatro atitudes literárias perante à Transcendência: a naturalista, a idealista, a limiar e a explicitamente religiosa; em *El hombre imaginario. Una antropología literaria*. Madrid: PPC - Universidad P. Comillas, 1995, p. 412-425.



religiosus”, orientado essencialmente para o Absoluto, como Antero de Quental ou como o brasileiro João Guimarães Rosa.<sup>39</sup>

Digamos também que ao contrário do forte anticlericalismo presente em boa parte da literatura portuguesa do século vinte, Régio é alérgico a qualquer ortodoxia, mas não anticlerical<sup>40</sup>. Simplesmente é um individualista que “não quer ser discípulo senão de si mesmo” (C, 69). Ademais, está certo de que “cada homem religioso está só perante Deus”. (C, 127)

Talvez poderíamos dizer que Régio, enredado em encruzilhadas de dúvida, está a meio caminho entre Torga, que se mantém na sua recusa, e Nemésio, que se decide pela opção religiosa católica<sup>41</sup>. Se calhar o jovem Régio dos primeiros livros de poesia está mais perto de Torga, enquanto que o Régio maduro da *Confissão* aproximava-se da linha nemesiana, quicá mais do que ele próprio supunha. Neste ponto talvez seja útil distinguirmos entre a “verdade formulada” - a indecisão no terreno da dúvida permanente - e a “verdade existencial” - a aceitação da fé mesmo na penumbra -. Régio exemplifica assim um tipo de Cristianismo tensional, ou dualista, que, desde a nostalgia, sente a presença ausente de Deus.

Em qualquer caso, as páginas finais da *Confissão* são, implícita e explicitamente, uma apologia da fé para o mundo moderno: “Os que falam da Religião como da alienação suprema - não podem compreender de quantas alienações ela nos liberta” (C. 239). Estas são as últimas palavras da *Confissão*, obra que, apesar de tudo, rompe definitivamente a sua ambigüidade anterior e perante a qual inclinamo-nos a pensar que há qualquer evolução “inconfessada”, ou mesmo uma certa “conversão” progressiva -mais desvelada no *Diário* - deste “homo viator” que quis chamar-se e ser “um homem religioso”.

39 Referimo-nos à tipologia psicológica de E. Spranger: “homo theoreticus, homo aestheticus e homo religiosus”; cf. ALVES PIRES, J. *João Guimarães Rosa. Uma literatura almada*. Braga-Lisboa: A.I.-Brotéria, 1993, p. 50.

40 De facto, não só chegou a pensar em ser padre senão que reconhece que “nunca uma certa vocação sacerdotal ou monástica (antes monástica) deixou de coexistir em mim, ao longo da vida, com o sonho duma vida boémia e fantasista” (C, 49); cf. C, 231: “Desde menino que tenho o gosto da vida monástica e muitas vezes me refugio na solidão”.

41 Podem ver-se, respectivamente, os nossos trabalhos: A problemática existencial no *Diário* de Miguel Torga. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35 p. 61-88, jun. 2000; e “La poesía de Vitorino Nemésio, una siembra de esperanza”. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, v. 7, p. 319-339, 2003. É interessante comparar a versão que cada um destes três poetas dá do Salmo 130, o conhecido “De profundis”: Régio em *Biografia*, Torga no *Diário* (14-5-83); e Nemésio no último poema de *O bicho harmonioso*. Outros autores portugueses dos meados do século podem ver-se em SEABRA PEREIRA, J. C., Fé e experiência cristãs na literatura portuguesa. *A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal*. Lisboa: Universidade Católica, 2000, p. 73-131.

## REFERÊNCIAS

ALONSO ROMO, E. J. A problemática existencial no *Diário* de Miguel Torga. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, p. 61-88, jun. 2000.

\_\_\_\_\_. La poesía de Vitorino Nemésio, una siembra de esperanza. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga, v. 7, p. 319-339, 2003.

ALVES PIRES, J. *João Guimarães Rosa. Uma literatura almada*. Braga-Lisboa: A.I.-Brotéria, 1993.

ANTUNES, M. Três poetas do sagrado: Pascoaes, Pessoa, Régio. *Brotéria*, Lisboa, v. 65, p. 56, 1957.

BELCHIOR, M. L. Problemática religiosa na poesia de Jorge de Sena. *Quaderni portoghesi*, Pisa, v. 13-14, p. 53 e 55, 1983.

BLANCH, A. *El hombre imaginario. Una antropología literaria*. Madrid: PPC - Universidad P. Comillas, 1995.

CRUZ, R. Camilo Castelo Branco e o livro *Divindade de Jesus* (1865). *Lusitania Sacra*, Lisboa, v. 1, p. 81-118, 1989. 2ª série.

GUIMARÃES, F. *A poesia da presença e o aparecimento do neo-realismo*. Porto: Brasília Ed., 1981.

LISBOA, E. *José Régio: a obra e o homem*, Lisboa: Arcádia, 1976.

LOPES, O. *Entre Fialho e Nemésio*. Lisboa: IN-CM, 1987.

LOURENÇO, E. As confissões incompletas ou a religião de Régio. *Colóquio/Letras*, Lisboa, v. 11, p. 20-27, 1973.

\_\_\_\_\_. O desespero humanista de Miguel Torga e o das novas gerações. *Tempo e poesia*, Lisboa: Relógio d'Água, 1987, p. 75-107.

\_\_\_\_\_. Presença ou a Contra-revolução do Modernismo português. *Tempo e poesia*. Lisboa: Relógio d'Água, 1987, p. 143-168.

RÉGIO, J. *Cristo tal como os pintores, escultores e poetas portugueses O viram, sentiram e entenderam*. Lisboa: Estúdios Cor, 1952.

\_\_\_\_\_. *Confissão dum homem religioso*. Porto: Brasília Ed., 1971.

\_\_\_\_\_. *A velha casa. IV - As monstruosidades vulgares*. 2. ed. Porto: Brasília Ed., 1972.

\_\_\_\_\_. *Há mais mundos*. 4. ed. Porto: Brasília Ed., 1973, p. 176.

\_\_\_\_\_. *A velha casa. I - Uma gota de sangue*. 4. ed. Porto: Brasília Ed., 1981.

\_\_\_\_\_. *Páginas do diário íntimo*. 2. ed. Lisboa: IN-CM, 2000.

ROCHA, C. *Máscaras de Narciso. Estudos sobre a literatura biográfica em Portugal*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1992.

SEABRA PEREIRA, J. C. Fé e experiência cristãs na literatura portuguesa. In: *A Igreja e a Cultura Contemporânea em Portugal*. Lisboa: Universidade Católica, 2000, p. 73-131.

SOBREIRA, A. De e sobre José Régio. *Brotéria*, Lisboa, v. 94 p. 241, 1972.

TREVISSAN, A. Valores cristãos na poesia de José Régio. *Brotéria*, Lisboa, v. 90, p. 746-747, 1970.

UNAMUNO, M. de. *San Manuel Bueno, mártir*. Ed. de Mario Valdés. 17. ed. Madrid: Cátedra, 1994.